

# Guerra do Golfo 25 anos depois

## Revista Força Aérea # 98

Anastacio Katsanos

Em 16 de janeiro de 1991, sete bombardeiros B-52 lançaram 39 mísseis de cruzeiro contra alvos estratégicos no Iraque, dando início a Guerra do Golfo. O voo completo das B-52 durou mais de 35 horas e cobriu 23.500 km, exigindo 4 reabastecimentos em voo. Em seguida, aviões 'stealth' F-117 lançaram bombas guiadas a laser contra outros alvos estratégicos. O número de alvos atacados em um dos dias subsequentes foi superior ao número total de alvos atingidos pela USAF em toda a Europa, nos anos 1942 e 1943. Estes são apenas alguns dos muitos episódios de uma guerra que apresentou estatísticas superlativas, introduziu novos sistemas de armas e estratégias inovadoras e cujas lições ecoam até hoje.

O Iraque invadiu o Kuwait em 02 de agosto de 1990, e em poucas horas, as forças iraquianas ocuparam o país. Saddam Hussein logo anexou o país como a 19ª província do Iraque. Em resposta, o governo dos Estados Unidos deu início a Operação Escudo do Deserto. Seis meses depois, com o apoio de 39 países e das Nações Unidas, foi lançada a Operação Tempestade no Deserto dando início à Guerra do Golfo com o objetivo de remover as forças armadas iraquianas do Kuwait e restabelecer a sua soberania. À época, o Iraque tinha a 4ª maior força armada do mundo.

O esforço para empurrar as forças iraquianas de volta ao seu próprio território representa o maior esforço militar internacional desde a Segunda Guerra Mundial e a maior operação dos Estados Unidos desde o Vietnã. Ele também marcou um ponto de virada no poder aéreo e um legado que influencia todas as forças aéreas até hoje. 2.500 aviões participaram, sendo 1.800 dos EUA. Acumularam mais de 100.000 horas de voo. Foram lançadas mais de 88.000 toneladas de bombas, 2.000 mísseis antirradiação e 300 mísseis de cruzeiro. Os esquadrões de transporte aéreo levaram 400.000 militares ao Iraque e mais de 500.000 toneladas de armas, veículos e munições. O emprego do poder aéreo durou 39 dias e as forças terrestres atuaram no final em uma operação que durou apenas 100 horas e foi interrompida pela decisão política do governo dos EUA em não ocupar o Iraque e manter a liderança de Saddam Hussein.

A Operação Tempestade no Deserto marcou o primeiro conflito na história a fazer uso abrangente de sistemas furtivos, navegação e comunicações por satélite, visão noturna, armamentos guiados, mísseis de cruzeiro e defesa antimísseis balísticos, todos ao mesmo tempo, além de ampla capacidade de computação, análise de dados e de uma defesa aérea integrada, permitindo que as Forças Aéreas da coalizão tivessem sucesso em seus esforços de superioridade aérea. A Força Aérea do Iraque foi rapidamente neutralizada tendo perdido 42 aviões em combate aéreo, 81 aeronaves foram destruídas no solo e 137 aeronaves foram levadas para o Irã por suas tripulações. A coalizão perdeu 290 soldados e tripulantes, 75 aviões, sendo 63 dos EUA. Do lado iraquiano as perdas são estimadas em mais de 100.000 e outros 70.000 pessoas foram feitos prisioneiros. O Iraque perdeu 5.800 tanques e veículos blindados, 2.000 peças de artilharia, 19 navios e vários outros meios.

Ao analisar este conflito 25 anos depois, alguns pontos chamam a atenção.

Sob o aspecto de poder aéreo, a Guerra do Golfo representou a quebra do paradigma da quantidade de aviões necessários para destruir um alvo. Hoje se planeja quantos alvos podem ser destruídos por um único avião. Em paralelo, houve também uma significativa redução no número de perdas da coalização para defesa aérea e antiaérea inimigas devido a melhor treinamento das equipagens e melhor capacidade de inteligência, vigilância, reconhecimento e comando e controle da Coalizão.

Outro ponto é a demonstrada incompetência de comando e controle das tropas de Sadam, fato que teria facilitado o resultado da Guerra.

Sob o aspecto de doutrina, o poder aéreo foi capaz de neutralizar a capacidade de defesa do inimigo, mas foram necessárias forças terrestres para garantir o domínio e o desfecho da guerra. Esta lição parece não ter sido aprendida. Hoje, os EUA e seus aliados consideram que podem vencer o Estado Islâmico apenas com o emprego de suas forças aéreas.

Sob o aspecto geopolítico, os analistas também apontam que Sadam decidiu invadir o Iraque em um péssimo momento. A Guerra Fria havia terminado um pouco antes e os EUA dispunham de ampla superioridade em todos os campos militares. As repúblicas da ex-URSS estavam desagregadas e despreparadas. A Rússia ficou politicamente ao lado do Iraque e sem poder empregar suas forças armadas. Esta situação contrasta muito com a de hoje, onde Rússia e China avançam em territórios alheios (Ucrânia no caso russo, e Mar do Sul da China no caso chinês) e os EUA não demonstram condições políticas de impedir estas investidas com os meios diplomáticos e militares tradicionais.